

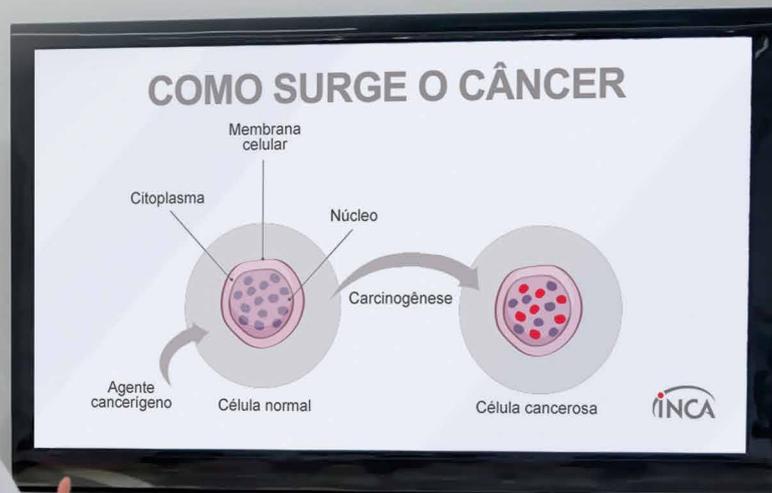
educação

ESTUDO DEFENDE QUE FUNDAMENTOS DE ONCOLOGIA, ENSINADOS EM MENOS DA METADE DAS ESCOLAS MÉDICAS NO BRASIL, SEJAM MATÉRIA OBRIGATÓRIA

Ensino básico

A matemática é simples: se o curso de Medicina dura seis anos, no mínimo, e a residência, de dois a cinco anos, os novos médicos de 2030 – quando o câncer deve ultrapassar as doenças cardiovasculares e se tornar a primeira causa de morte no Brasil – já estão na faculdade. Como a maior parte das neoplasias é diagnosticada antes de o paciente chegar ao oncologista, a capacitação desses profissionais é urgente. Mas os números, também nesse quesito, jogam contra: a disciplina Oncologia está presente apenas em pouco mais de 40% das faculdades de Medicina brasileiras. E

ainda assim, em parte delas, é matéria optativa – ou seja, não há obrigatoriedade de cursá-la, a escolha é do aluno. Os dados constam do artigo Educação oncológica nas escolas médicas brasileiras, que abre o livro *Oncologia para não oncologistas* (Coopmed), lançado em 2021.



“Para um aluno de Medicina e para um médico não oncologista, é fundamental a introdução de conceitos básicos de Oncologia”, afirma a médica Angelica Nogueira-Rodrigues, coautora do livro e do artigo, que também foi publicado no periódico *Brazilian Journal of Oncology*. “Em vários momentos da sua linha de cuidado, o paciente oncológico vai precisar da assistência de clínicos que, muitas vezes, não se sentem preparados para dar o apoio necessário. Há um grande déficit de formação do médico brasileiro. Se a gente quer mudar essa estrutura para 2030, a ação precisa ser imediata.”

Ex-aluna do INCA, onde cursou residência, aperfeiçoamento nos moldes *fellow* e doutorado, Angelica é professora da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que tornou a disciplina Oncologia obrigatória em 2020. A proposta dos 15 autores do artigo, ligados também à Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica (Sboc) e ao Hospital Israelita Albert Einstein (SP), é que esse modelo, hoje minoritário no País, seja padrão. O ensino compulsório de Oncologia, entretanto, não é previsto nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) de Medicina de 2014, estabelecidas pelo Ministério da Educação (MEC).

A alteração das DCNs foi tema de encontro entre diretores da Sboc e representantes do Conselho Nacional de Educação (CNE/MEC), no início do ano

“O paciente oncológico vai precisar da assistência de clínicos que, muitas vezes, não se sentem preparados para dar o apoio necessário. Há um grande déficit de formação do médico brasileiro. Se a gente quer mudar essa estrutura para 2030, a ação precisa ser imediata”

ANGELICA NOGUEIRA-RODRIGUES,
professora da Faculdade de Medicina da UFMG

passado. “Eles não foram muito receptivos para uma mudança imediata no currículo geral, que é o que nós queremos”, conta a oncologista Clarissa Maria de Cerqueira Mathias, presidente da Sociedade à época.

Para ela, o câncer não deveria parecer “tão estranho” para parte dos médicos, uma vez que a doença atravessa várias condições clínicas, de domínio de diferentes especialidades. “É bastante preocupante o fato de Oncologia não ser matéria obrigatória nas faculdades hoje. Acaba que se formam médicos que não estão acostumados a colocar o câncer como um diagnóstico diferencial”, avalia.

CRESCIMENTOS DESIGUAIS

A ideia de tornar compulsório o ensino de Oncologia existe, dentro da Sboc, pelo menos, desde 2012, quando o então presidente da entidade, Anderson Arantes Silvestrini, liderou a pesquisa *O ensino de Oncologia na graduação: panorama brasileiro*, que serviu de base para o recente estudo. Aquele trabalho identificou que, das 110 faculdades de Medicina do País na época (de acordo com o *site Escolas Médicas do Brasil*), somente 33 (30%) incluíam Oncologia na grade curricular. Em 26 (78,8%) a disciplina era obrigatória, enquanto sete (21,2%) a ofereciam como optativa.

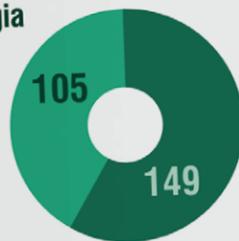
Em 2019, o grupo de trabalho UFMG/Sboc/Albert Einstein decidiu atualizar o levantamento de Silvestrini. A partir de consulta ao Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior (e-MEC), os pesquisadores chegaram a 345 faculdades, das quais 91 foram excluídas do estudo por serem cursos novos ou por não terem informado a grade curricular. Do universo de 254 faculdades de Medicina, 105 (41,3%) tinham a disciplina Oncologia – 91 (86,6%) de modo obrigatório e 14 (13,4%) de forma opcional.

“O grande aumento do número de escolas médicas no Brasil, nos últimos 10 anos, não foi acompanhado pela inclusão de disciplinas essenciais, como a Oncologia”, lamenta Angelica. “Ainda não há a devida atenção à formação do médico nessa área, dado o peso epidemiológico do câncer no País e a defasagem de escolas oferecendo a disciplina. Acho que o maior ganho do nosso estudo é ter números concretos para apresentar essa falha do nosso currículo nas discussões com o MEC, que estão em andamento.”

Oncologia na sala de aula

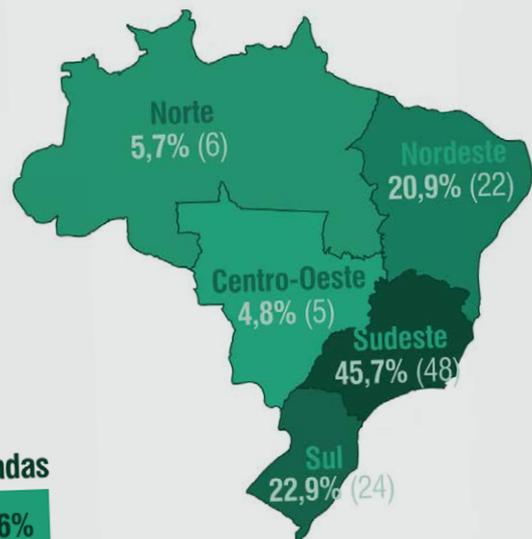
Em 2019, havia no País 345 faculdades de Medicina registradas no e-MEC, das quais 254 tinham informações sobre a grade curricular.

Oferecem
Oncologia
41,3%



Não oferecem
Oncologia
58,7%

Distribuição pela
região geográfica:



Distribuição das escolas
que ensinam Oncologia:

Obrigatória

86,6%
(91)

Optativa

13,4%
(14)

Públicas

52,4%
(55)

Privadas

47,6%
(50)

Pela modalidade
oferecida

Pelo sistema
de gestão

Fonte: Oncology education in Brazilian medical schools (Brazilian Journal of Oncology)

Quase metade das escolas brasileiras que ministram Oncologia está no Sudeste. Embora a região reúna a maioria dos casos novos da doença no País, por ser a mais populosa, a concentração levanta a falta de ensino específico sobre câncer nas demais, em especial no Norte e no Centro-Oeste, que somam apenas 10,5% das faculdades com a disciplina na grade curricular. O fato é considerado “alarmante” pelos autores. Nessas duas regiões, observam, a incidência de cânceres evitáveis, como o do colo do útero, “tem um enorme impacto na população e poderia ser particularmente diminuída com uma melhor formação médica em Oncologia”.

MODELO PROPOSTO

O grupo de trabalho propõe que Oncologia seja matéria obrigatória de um semestre, sem especificar carga horária mínima ideal. A ideia é ensinar “os princípios básicos de epidemiologia do câncer, prevenção, rastreamento, diagnóstico e tratamento”, de acordo com a professora da UFMG, que detalha uma sugestão de curso de Oncologia em outro trabalho, feito com colegas de mais três instituições públicas: universidades de São Paulo (USP) e federais do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Rio de Janeiro (UFRJ).

“É bastante preocupante o fato de Oncologia não ser matéria obrigatória nas faculdades hoje. Acaba que se formam médicos que não estão acostumados a colocar o câncer como um diagnóstico diferencial”

CLARISSA MARIA DE CERQUEIRA MATHIAS,
ex-presidente da Sociedade Brasileira de
Oncologia Clínica

Em *Ensino de Oncologia na graduação em Medicina – disciplina proposta*, oito especialistas das áreas primária, clínica, cirúrgica, radioterápica e de pesquisa em câncer apresentam um plano de estudo que pretende “treinar e capacitar os estudantes a adquirir os conceitos básicos e compreender o cuidado oncológico interdisciplinar e interprofissional de forma holística”. Para isso, a matéria é dividida em cinco





grandes áreas temáticas, que somam 30 horas/aula: biologia do câncer (20% da carga horária), saúde pública (20%), diagnóstico (20%), tratamento com ênfase na multidisciplinaridade (30%) e pesquisa (10%).

Estariam aptos a cursar Oncologia graduandos do terceiro ou quarto anos de Medicina que já tivessem concluído as disciplinas consideradas pré-requisitos: Genética, Patologia, Farmacologia, Fisiologia, Semiologia, Clínica Médica e Técnica Cirúrgica. O grupo também estipula que 40% da nota final do estudante na matéria em questão seriam dedicadas a atividades de extensão, na comunidade, “por meio do desenvolvimento de materiais para campanhas de prevenção e diagnóstico precoce do câncer”.

A VISÃO DO ALUNO

Não apenas professores e pesquisadores estão insatisfeitos com o ensino de Oncologia na graduação brasileira – ou com a falta dele. No artigo que abre o livro *Oncologia para não oncologistas*, os autores citam estudo de 2015 com estudantes do último ano de Medicina da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no qual 87% consideraram insuficiente o ensino de Cancerologia durante a formação acadêmica. Problema que não é exclusivo do Brasil. Pesquisa canadense apresentada no congresso de 2012 da Associação Americana de Oncologia Clínica (ASCO, na sigla em inglês) revela que, na época, 67%

dos estudantes de Medicina definiam como inadequado o conteúdo sobre o tema na graduação.

Para os pesquisadores do grupo de trabalho nacional, o desgosto dos alunos é corroborado pelas 77 ligas acadêmicas – grupos de estudo extracurriculares formados pelos graduandos – que encontraram em todo o País. Por outro lado, esse achado mostra que há interesse do estudante de Medicina no tema oncologia. Foi o que levou quase mil pessoas de todas as regiões brasileiras a participar das duas edições da *Gincana Nacional da Oncologia para Acadêmicos*, competição *on-line* de conhecimentos sobre câncer criada pela SBOC em 2020.

Entre os inscritos na primeira edição, 87% disseram ter interesse em fazer residência médica em Oncologia Clínica. “Trata-se de uma área em franca expansão”, comemora Renan Orsati Clara, ex-diretor executivo da Sociedade, em texto de divulgação do livro. A animação de Renan Clara é amparada pelos números – que, desta vez, jogam a favor: de acordo com a publicação *Demografia Médica 2020*, as residências de Oncologia Clínica e Cirurgia Oncológica tiveram, no período 2010-2019, crescimento de 78,2% e 70,3%, respectivamente, em novos alunos, à frente de especialidades tradicionais, como Pediatria (67,5%) e Gastroenterologia (55,2%). ■

ONDE LER

Para conhecer a íntegra dos estudos citados no texto (em inglês), acesse o periódico *Brazilian Journal of Oncology*, em www.brazilianjournalofoncology.com.br. Vá até “Advanced search” (Busca avançada) e procure, em “All the fields” (Todos os campos), pelo título (“Title”) dos artigos: *Oncology education in Brazilian medical schools (Educação oncológica nas escolas médicas brasileiras)* e *Oncology teaching in undergraduate medical school – proposed discipline (Ensino de Oncologia na graduação em Medicina – disciplina proposta)*.